

Mulherismo Africano e a necessidade crítica do pensamento pela a teoria africana

4

Flares

Apesar do blog ser da perspectiva de um homem preto, isso não significa que o debate sobre mulheres pretas e suas movimentações políticas não seja também abarcado. Por isso, eu acredito e parto do princípio “Ubuntu”, sou o que sou pelo que nós somos, e o nós está para além do sexo. Ainda mais se tratando do primeiro útero do mundo, a mulher africana.

Clenora Hudson-Weems, The Journal ocidental de Estudos Negros, 21,2 (Verão 1997): 79-84.

Quando nos aproximamos da última hora levando até o próximo milênio, eu não posso enfatizar o suficiente a necessidade crítica de hoje para os estudiosos africanos em todo o mundo, criar nossos próprios paradigmas e referenciais teóricos para avaliar nossas obras. Precisamos de nossos próprios teóricos africanos, não estudantes que duplicam ou usam teorias criadas por outras pessoas na análise de textos africanos. De fato, o desenvolvimento de paradigmas e teorias críticas que é a nossa verdadeira missão, para tornar possível por melhores interpretações de monitoramento de nossas obras em um esforço para mantê-los tanto autêntico e preciso, a fim de manter a sua originalidade em seu significado e valor. O problema porém, é que ao contrário dos teóricos brancos ou europeus que justificadamente aproximam a sua literatura a partir da perspectiva da centralidade da sua cultura, o eurocentrismo, sendo que a maioria dos estudiosos africanos usam teorias que são estranhas e não foram passadas através da nossa matriz cultural ou lente. Embora possamos ter os textos primários, como o enorme corpo de material por **Zora Neale Hurston (1)**, não temos no extrato todo deles nossas próprias teorias afro-centrada para analisar e explicar as muitas camadas de interpretações que se encontram dentro. Em vez disso, tomamos a abordagem de **Procusto (2)**, através da sobreposição de teorias e metodologias alienígenas ou externas, como meio primordial de analisar e interpretar os textos de uma chamada perspectiva legítima, universalmente teórica. Faço saber que essa perspectiva dominante na realidade não é outra coisa do que apenas uma outra perspectiva. Curiosamente, a cultura dominante vê absolutamente nenhuma necessidade de aplicar as teorias na análise de seus textos.

Com isso em mente, o que é então, Mulherismo Africana?

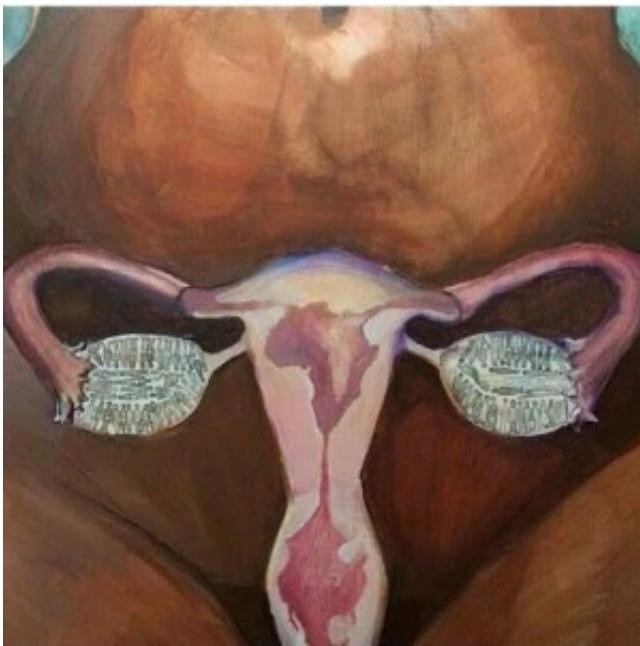
Nem uma consequência, nem uma adenda ao feminismo. Mulherismo Africana não é feminismo negro, nem feminismo africano, ou mulherismo de Alice Walker que algumas mulheres africanas têm vindo a abraçar. Mulherismo Africana é uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência Africana. Ela se baseia na cultura Africana, e, portanto, necessariamente se concentra nas experiências únicas de lutas necessidades e desejos das mulheres africanas, tanto da diáspora como nativas do continente Africano. O principal objetivo do Mulherismo Africana é criar seus próprios critérios para avaliar suas realidades, tanto no pensamento e na ação. (Hudson-Weems 24, 50)

Na verdade, Mulherismo Africana por sua própria definição é Africana-Centrada, uma vez que coloca a África no centro desta análise no que se refere às mulheres africanas. Mesmo na nomeação a África está no centro, na cosmologia Africana. O **Nommo (3)** é a nomenclatura adequada de uma coisa que chama à existência. Assim, o Mulherismo com terminologia Africana não feminismo preto, mulherismo ou qualquer outro termo, mais apropriadamente se encaixa a mulher africana que é ao mesmo tempo auto-nomeadora e auto-definidora. É verdade que se você não nomear e definir a si mesmo alguém certamente o fará, é igualmente verdade que você apropriando uma terminologia você compra essa agenda, e a agenda para a mulher africana de fato se distingue de todas as outras teorias feministas. Com base principalmente na causa de sua insistência na priorização respectivamente de gênero, classe e raça. Para ter certeza, esta agenda corrida de capacitação centrada na família é uma violação direta a quaisquer marcas do feminismo, que quer o sexo feminino centrado e preocupado acima de tudo com o empoderamento da mulher. Apesar do fato de que as feministas negras por exemplo liguem para a simultaneidade no combate à raça, classe e opressão de gênero, a maior parte de sua energia vai para o combater à subjugação feminina como uma prioridade. Seja como for, mesmo a feminista branca Bettina Aptheker vê esse quadro e objetivamente assim ela apropriadamente afirma que quando colocar a mulher no centro do nosso pensamento cria-se de uma matriz histórica e cultural a partir da qual mulheres podem reivindicar autonomia e independência sobre suas próprias vidas.

"Para as mulheres pretas, tal autonomia não pode ser alcançado em condições de opressão racial e genocídio cultural. Em suma, "feminista" no sentido moderno, significa o empoderamento das mulheres. Para as mulheres pretas, como uma igualdade tal de capacitação não pode ocorrer até que as comunidades em que vivem pode estabelecer com sucesso a sua própria integridade racial e cultural." (Aptheker 13).



Mesmo que se acha difícil conceber a priorização de raça, a classe e em seguida de gênero, só precisa olhar como discurso de **Sojourner Truth** (4), "Ain't I a Woman", na qual ela não premeditou os envolvidos no discurso e a situação que ela teve de lidar. Antes que ela pudesse começar a abordar a questão no absurdo da subjugação feminina que era a sua intenção inicial. Quando ela foi para a convenção de mulheres em sua maioria brancas em Akron, Ohio em 1951, ela teve que lidar com o seu ostracismo com base em sua cor seguido por classe: "*Bem crianças, onde há muito barulho, deve haver algo fora dos eixos. Eu acho que os negros do Sul e as mulheres no Norte, todos falando sobre os direitos. Mas o que é tudo isso aqui está se falando? Aquele homem ali diz que as mulheres precisam de ser ajudadas em carruagens e terem o melhor lugar em todos os lugares, mas ninguém nunca me ajuda em carruagens, ao longo das lamas e poças, e não me dão algum lugar melhor! E não é que eu sou uma mulher?! Olhe para mim! Olhe para o meu braço! Tenho arado e plantado e ninguém me dirigi! E não é que eu sou uma mulher?! Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu poderia obter – e suportar o chicote bem! E não é que eu sou uma mulher?! Tenho suportado treze filhos, e visto a maioria de todos vendidos para a escravidão, e quando eu gritei com a dor da minha mãe, mas ninguém me ouviu Jesus! E não é que eu sou uma mulher?! ... eles dizem que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens, porque Cristo não era uma mulher! Onde é que o seu Cristo veio? Onde é que o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher!*" É evidente que a questão de gênero foi o último a ser abordado aqui depois que ela lidou com as questões de raça e de classe.



Além disso enfatizando o fator raça, **Maria W. Stewart** (5) que duas décadas antes do famoso discurso de verdade expandiu o mesmo trabalho do nacionalismo cultural preto em 1831, destacando o papel de liderança que as mulheres pretas devem desempenhar na luta de libertação preta, escolhendo assim, até onde **David Walker** (6) parou antes de sua morte prematura e misteriosa, com sua ênfase em lideranças pretas masculinas na luta de libertação. Essa pré mulherista africana aconselhou. . . "As mulheres negras devem se unir para expressar e desenvolver todo o seu potencial como mulheres e como portadores de/da cultura africana." Falando antes como mulher africana-americana ela cobra as mulheres negras a sobrevivência e o enriquecimento da comunidade negra (Hill 397).

Além disso, abolicionista Frances Harper, também, enfatizou a raça como uma prioridade para as pessoas Africana. Assim, “... quando as duas forças [abolicionistas e feministas] tornou-se divididas sobre a questão de qual grupo, homens negros e mulheres brancas devem ser franqueadas. . .” [ela sustentou] que a obtenção de cédula de votos para a parte da corrida foi muito melhor do que nenhum, [e] apaixonadamente defendeu a maior urgência de realização dos homens negros dos votos (Hill 346-7).

Da mesma forma como **Harriet Tubman** (7), o condutor de ferrovia subterrânea que passou tempos Sul durante dezenove durante a década de 1850 para ajudar os homens negros livres, mulheres e criança na cruzada antilinchamento. Começou suas investigações, porque seus dois amigos do sexo masculino foram linchados em Memphis, Tennessee em 1892, porque eles se tornaram concorrentes de um dono de uma loja de supermercado branco, a libertação preta era a prioridade número um. Na verdade, todas essas ativistas mulherista pré-africana encontraram-se num engajamento nas questões raciais como prioridade.

Com este racismo claro e a ênfase na emancipação da mulher, é evidente que as mulheres pretas não pode reivindicar a agenda feminista como a delas, quando toda a nossa raça está sofrendo e morrendo enquanto falamos. Observe a ativista sul-Africana, Ruth Mompati que fala sobre ir para um grande auditório e testemunhar os corpos decompostos de todos os filhos negros inocentes que foram vítimas de apartheid, ela afirma que a mulher sul-africana confrontada com a situação acima, encontra o fim de suas prioridades em sua luta pela dignidade humana e seus direitos como mulher ditada pela luta política geral de seu povo como um todo. A libertação nacional do negro sul-africano é um pré-requisito para sua própria libertação e emancipação como uma mulher e um trabalhador (Mompati 112-13).

Para ter certeza a criação de uma teoria autêntica para pessoas com descendência e ascendência africana e mulheres pretas, em particular, o que reflete o nosso verdadeiro nível de luta, é fundamental para que não continue a perder-nos, e particularmente as nossas mulheres, neste caso, a luta de outra pessoa. O Mulherismo Africano, um paradigma Africano-Centrado, uma teoria criada por uma perspectiva Africano-Centrado. É nisso, é claro que precisamos para operar desde o início com a África no centro de todas as análises a respeito da vida e do pensamento Africano, eliminando esforços inúteis em apropriar-se de construções externas. Para ter certeza, um paradigma autêntico deve ser obrigatório para as teóricas africanas (os) que as nossas vidas e os textos podem ser lidos e interpretados com precisão.



(1) Zora Neale Hurston é considerada uma das escritoras mais eminentes da literatura Africana-Americana do século XX. Hurston foi intimamente associado com o renascimento do Harlem e influenciou escritores como Ralph Ellison, Toni Morrison, Gayle Jones, Alice Walker e Toni Cade Bambara.

(2) Procrusto é um personagem da mitologia grega, ele também representa a intolerância do homem em relação ao seu semelhante. O mito já foi usado como metáfora para criticar tentativas de imposição de um padrão em várias áreas do conhecimento, como na economia, na política, na educação, na história, na metodologia científica, na medicina e na administração.

(3) Dogon do Mali, o criador Amma, trouxe o mundo à existência, misturando os elementos primordiais com a vibração da sua palavra falada, embora o culto principal é direcionado para o Nommo, seres primordiais e primeiros antepassados, em vez de a Amma.

(4) Sojourner Truth nascida Isabella Baumfree por volta de 1797 em Swartekill, Nova Iorque, na condição de escrava, foi uma empregada doméstica e palestrante estadunidense. Tornou-se uma oradora famosa na defesa do abolicionismo e dos direitos das mulheres, sendo particularmente lembrada pelo célebre discurso Ain't I a Woman.

(5) Maria W. Stewart, (Maria Miller) (1803 – 06 de fevereiro de 1880) foi uma jornalista, conferencista, Africana-Americanã abolicionista e dos direitos das mulheres ativistas. Apesar de sua carreira foi breve, foi muito marcante. Stewart começou sua carreira como uma empregada doméstica. Mais tarde ela se tornou uma ativista.

(6) David Walker, (28 de setembro de 1796 – 28 de junho de 1830) Africano-Americano abolicionista e ativista contra escravidão. Em 1829, quando morava em Boston, Massachusetts, publicou um

apelo aos cidadãos pretos do mundo, um apelo à unidade preta e autoajuda na luta contra a opressão e a injustiça.

(7) Harriet Tubman, também conhecida por Black Moses, foi uma Africana-Americana natural dos EUA, abolicionista humanitária lutou pela liberdade, contra a escravidão e o racismo

Depois de escapar do cativeiro, ela fez treze missões para resgatar setenta escravos utilizando da rede de ativistas abolicionistas e abrigos. Ajudou John Brown a recrutar homens em seu ataque a [Harpers Ferry](#), e no pós guerra lutou pela inclusão das mulheres no sufrágio.

“SANKOFA” – Vá para trás e buscar as lições do nosso passado!

Referências

Barksdale, Richard K. “Critical Theory and Problems of Canonicity in African American Literature” in *Praise song of Survival*. Urbana and Chicago, Illinois: University of Illinois Press, 1992, 32-38.

Hill, Patricia Liggins, general editor. *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*. Boston: Heighten Mifflin Company, 1997.

Hudson-Weems, Cleonora. *Africana Womanism: Reclaiming Ourselves*. Troy, MI: Bedford Publishers, 1993.

Makaryk, Irena R., general editor. *Encyclopedia of Contemporary Literary Theory*. Toronto: University of Toronto Press, 1993.

Mompati, Ruth. “Women and Life under Apartheid” in *One Is Not a Woman, One Becomes the African Woman in a Transitional Society*. Daphne Williams Ntiri, ed. Troy, MI: Bedford, 1982.

Truth, Sojourner. “And Arn’t I A Woman” in *Narrative of Sojourner Truth*. New York: Arno and the New York Times, 1968.

Fonte: